

## **Editorial:**

Em cartaz, ou melhor, no portal, mais um volume de **África(s)** trazendo consigo reflexões, ensaios e resultados de pesquisas sobre diferentes países do continente africano, além de um pouquinho de esperança e alento de que a construção do conhecimento irá proporcionar outros tempos para aqueles e aquelas que vivem, por ora, em terras que enfrentam tempestades (de nuvens escuras!), carregadas de ódio, ignorância, obscurantismo e muita, muita obtusidade. Vivemos tempos difíceis em diversos sentidos, seja por questões relacionadas ao futuro do ensino superior, ou da permanência da pesquisa e do seu caráter plural, amplo e dotado de diferentes perspectivas paradigmáticas. O temor por uma onda obscura no âmbito das pesquisas, que hierarquize determinadas áreas do conhecimento, transformando algumas em “subáreas” é parte deste receio que muitos africanistas sentem no momento. Teremos o retorno de um tempo em que o continente africano, quando muito, aparecia nas salas de aula e nos livros como “lugar de origem dos escravos”? Esperamos que não!

No entanto, as pesquisas continuam, e oxalá se mantenha numa crescente, como nos anos anteriores em que teses, dissertações, monografias e TCC's sobre o continente africano e suas representações foram produzidas em razoável quantidade, à luz de novos aportes teórico-metodológicos e repertórios conceituais inovadores. Docentes, afeitos às pesquisas sobre o continente africano, ou suas representações, foram contratados para diferentes universidades país afora (por força da lei, evidentemente, pois em se tratando de África nada é gratuito), e um campo de estudos é constituído neste país. Eis o que de melhor foi construído entre os anos de 2003 aos dias atuais. Apenas um alerta deve ser feito: isto não se deveu exclusivamente ao contexto da macro política e das leis advindas de uma presidência favorável. Antes da promulgação da lei 10639, tivemos expoentes, precursores que protagonizaram e lutaram para que o continente africano fosse merecedor dos olhares e respeito que lhe é devido, no âmbito das pesquisas e do ensino. E a este contexto deve-se também acrescentar as pressões de movimentos sociais negros, que se articularam de forma espetacular com estes intelectuais pioneiros, dando conta de um formato que tem as feições dos dias atuais. Grosso modo, a imensa maioria das universidades públicas possui docentes que lecionam conteúdos alusivos a história da África, ou matérias pertinentes aos Estudos Africanos. Isto se mostra

bastante positivo, pois permite aos jovens estudantes da graduação não apenas ter aulas sobre o continente africano, mas também poder pesquisá-lo!

Pode-se afirmar que nos dias atuais não há mais a exclusividade de uma narrativa que homogeneíza o continente africano, atribuindo a este uma essência original. Novos trabalhos colocam em questão e visibilidade as pluralidades no campo das práticas, costumes e hábitos, revelando a fragilidade das outrora representações que jogavam a África para o lugar do único e homogêneo. Em outras palavras, as novas pesquisas construídas no âmbito dos Estudos Africanos, e da História da África, sobretudo, trazem consigo as marcas da diversidade e de certa rejeição para as tendências homogeneizadoras. Seja na acepção das representações construídas pelo colonialismo, da África selvagem e incivilizada, ou da acepção de um continente racializado, decorrente das representações construídas nos contextos do pan-africanismo, percebe-se uma tendência para a especialização das pesquisas, dotando o campo de maior refinamento. Para este aspecto, acrescentem-se as novas perspectivas sobre a História, dando a esta área, de modo geral, outras perspectivas epistemológicas, até então concentradas em visões que primavam por reduzir os objetos e eventos a dimensões reduzidas, parciais...

Ora, se nos primeiros anos deste século XXI, grande parte dos trabalhos que eram produzidos sobre o continente africano, em nosso país, estava diretamente ligada aos debates suscitados pelos movimentos sociais negros, na atualidade já se observam pesquisas sobre países e povos, indicando a existência de pesquisadores em processo de especialização sobre temáticas mais minudentes. De certa forma, isto se traduz na construção de novos programas de pós-graduação pautados em pesquisas sobre o continente africano, e estes avanços não podem ser perdidos em razão de uma conjuntura e circunstâncias desfavoráveis. É preciso defender o que se construiu, e ao mesmo tempo, aprofundar o caminho dos avanços. O continente africano, assim como os povos que nele habitam, não pode mais ser entendido sob conceitos pautados em paradigmas homogeneizantes, dotando o que é plural e diverso de uma essência “racial”. A África é eminentemente intraduzível, e isto se define pelo nome do nosso periódico: África(s), que acima de tudo é também um veículo comprometido com a difusão de pesquisas e conceitos que primem pelo entendimento do continente nas suas acepções mais plenas.

Este volume traz ao leitor e a leitora, dez artigos inéditos, que versam sobre pontos de vista de diferentes áreas do conhecimento, consubstanciadas pelo prisma dos Estudos Africanos. Sete artigos articulados sob um dossiê, intitulado “**Lusofonias na África: Moçambique, Angola e Cabo Verde**” e outros três que tematizam questões sobre temáticas alusivas ao continente. Pode-se afirmar que a sintonia está presente em todos os dez artigos.

### **DOSSIÊ: “LUSOFONIAS NA ÁFRICA: MOÇAMBIQUE, ANGOLA E CABO VERDE”**

O dossiê, organizado pelos profícuos colegas Ercílio Langa (UNILAB) e Jacimara dos Santos (UNEB), versa sobre trabalhos que discutem questões diversas dos países do continente africano que possuem o português como língua oficial. Evidente que são visões ainda em construção, mas dotadas de intensas pesquisas balizadas em forte revisão bibliográfica e robusta documentação. A partir destes artigos, certamente o leitor e a leitora poderá iniciar-se em novas pesquisas sobre o continente africano, ou aprofundar-se em alguma que já vem desenvolvendo.

O primeiro artigo, intitulado “**Recepção do lusotropicalismo de Gilberto Freyre nas colônias portuguesas em África (1933- 1980)**”, do ilustre **Ercílio Neves Brandão Langa**, mostra em minudência as circunstâncias que levaram o Lusotropicalismo a ser transformado em política oficial do colonialismo português salazarista. Inicialmente refratário às teses de Gilberto Freyre, em um primeiro momento, o colonialismo português adota as ideias do célebre intelectual pernambucano como forma de preservar suas colônias e defendê-las perante o contexto internacional vivido após o fim da Segunda Guerra mundial. Ercílio nos mostra também as críticas desferidas por intelectuais dos países que viviam sob domínio português, e de como ocorreram debates em torno destas ideias adotadas pelo colonialismo.

O segundo artigo deste dossiê vem “da terra” dos geniais Mondlane e Samora Machel, Moçambique, trazido pela ilustre Kátia Sara Henriques. Em seu profícuo artigo, intitulado “**Debate em torno da construção do Estado em África, os movimentos sociais na construção da identidade moçambicana**”, esta autora nos mostra aspectos do processo de construção da independência moçambicana, e de como os movimentos de oposição ao colonialismo reagiram e agiram em contextos marcados pela simultânea construção da identidade nacional, independência e Estado nação. Diga-

se de passagem, a autora nos faz perceber aspectos minudentes de um processo tenso e ainda desconhecido para a imensa maioria dos brasileiros.

Ainda em terras moçambicanas (ou sobre estas, se o leitor e a leitora assim preferir), o artigo intitulado **“Os corpos da pátria: recomposições da nacionalidade em O Último Voo do Flamingo, de Mia Couto**, escrito pela genial e não menos lídima **Jacimara Vieira dos Santos**, entabula questões que trazem à tona aspectos que mostram a validade e atualidade das relações tecidas entre a História e Literatura. Com a leveza e simpatia que lhe é peculiar, esta autora acompanha a trajetória da obra referida de Mia Couto, indicando as nuances desta com o processo de construção da identidade nacional moçambicana. Quebrando o protocolo, diria que o modo como esta autora escreve deixa o leitor com inveja, ávido por imitá-la e desejando fazer uso da escrita da mesma forma como esta ilustre africanista.

Continuando em Moçambique, percorrendo as trilhas e os caminhos deste belo país, os admiráveis e também geniais Alvaro da Luz Dinis e Alexandre António Timbane, em seu artigo escrito a quatro mãos, intitulado **“A investigação criminal e a instrução processual de crimes de homicídio em Moçambique: desafios, caminhos e perspectivas”** entabulam questões sobre as especificidades e problemas existentes nos aspectos relacionados com o crime e seus desdobramentos processuais. Os autores, moçambicanos de nascimento, mostram na prática o quão a boa e velha perspectiva interdisciplinar dos Estudos Africanos é sublime em termos de conhecer outros espaços a partir de diferentes áreas do conhecimento. **África(s)**, como não deveria deixar de ser, se proclama e reivindica a condição de periódico que se insere nesta perspectiva interdisciplinar, logo, um artigo de tamanha riqueza, dando conta de elementos pertinentes aos aspectos da investigação criminal, e do Direito, certamente possui espaço garantido nas páginas virtuais desta revista.

Saindo de Moçambique, com muita saudade deste belo país, e caminhando em direção ao outro lado do continente, chegaremos a Angola, e seremos recebidos pelo ilustre e notável das letras, Patrício Batsíkama. Este autor, em seu artigo intitulado **“Despoder em Angola - 1975-2012”**, nos faz conhecer os processos da construção da República Angolana, e de como este país viveu diferentes fases no processo de soerguimento do Estado e da institucionalização dos direitos civis e justiça social. Em meio às guerras civis e os processos posteriores a luta pela independência, Patrício Batsíkama nos mostra caminhos para entender o quão é complexa a relação entre a

instauração do Estado, dos direitos e da democracia, revelando que os países africanos são objetos de difícil entendimento, se observados a luz de teorias que levem em conta tão somente aportes teóricos válidos para o ocidente. Como sempre, em escrita leve e bem fundamentada, este autor nos mostra em detalhes os motivos que justificam ter sob sua criação incontáveis livros que dão conta de temas diversos do passado deste admirável continente.

Ainda em Angola, e de volta aos diálogos entre a Literatura e as Ciências Sociais, Aleš Vrbata nos mostra aspectos importantes da relação entre língua, literatura, identidade e política externa. Em seu artigo intitulado “**Angola: entre a internacionalização e africanidade**”, observamos os detalhes da relação paradoxal entre uma literatura escrita na língua do outrora colonizador, uma visível posição de engajamento dos literatos mais proeminentes, e a busca por uma identidade nacional por vezes conflitante. Eis um artigo para ler com a máxima atenção o modo como o autor constrói seus argumentos, e de como estes trazem questões significativas para elucidar problemas existentes no país das “Palancas Negras”.

Com muita saudade de Angola, caminhamos em direção a Cabo Verde, sob as indicações de Ulisete Rodrigues de Souza Rodrigues, que em seu artigo intitulado “**Movimentos sócio-históricos na origem do caboverdiano: influxos insulares e continentais**” nos faz observar aspectos específicos da formação e difusão do Crioulo caboverdiano, e de como esta língua se formou a partir do contato de pessoas falantes de outros idiomas. A autora, apoiada em forte documentação e revisão bibliográfica, indica as variedades deste Crioulo caboverdiano, e as conclusões sobre sua origem, tudo isso em meio às navegações que viabilizam a vida nestas belas ilhas que constituem o país de natureza complexa e rara beleza. Ainda segundo a autora, a natureza específica do Crioulo caboverdiano é fruto da convergência entre povos e línguas distintas, pautada por pessoas em constante fluxo e refluxo migratórios. Eis os motivos que explicam a complexa natureza do Crioulo caboverdiano.

Completando este volume temos três excelentes artigos, e que nos remetem a espaços distintos do continente africano, um dos quais nos faz atravessar o Atlântico de forma agradável e digna. Mahfouz Ag Adnane, historiador genial e genuíno, daqueles que nascem a cada mil anos, nos traz uma rica discussão do constante fazer e refazer das práticas e costumes humanos, mostrando a partir de uma bela narrativa que isto de “africano essencializado” é algo distante da vida real. Em seu artigo, intitulado

**“Festival cultural de Zalab-Labé: entre identidade e territorialidade”**, o autor nos mostra aspectos da cultura tamacheque, decorrentes da música feita pelo movimento Ichúmar, responsável pela transformação de sons e musicalidade deste intrigante povo que ainda hoje luta pelo seu estado nacional. O artigo tece questões sobre o festival que ocorre em Zalab-Labé, na região de Gao (Mali), indicando como aspectos concernentes a identidade, territorialidade, pertencimentos, dentre outros aspectos, são refeitos em processos nem sempre tranqüilos ou simples de serem entendidos. Eis um artigo de ser lido e relido com toda a atenção possível!

Ainda no continente africano, retornando aos enlaces da Literatura com a História, Alyxandra Gomes Nunes tece os fios para compor um belo tecido biafrense. Em seu artigo intitulado **“Questões de gênero e masculinidades em Meio Sol Amarelo de Chimamanda Ngozi Adichie”**, esta genial autora discorre sobre os modos e formas como a não menos genial Chimamanda apresenta tipos diferentes de personagens masculinos em seu excelente romance, Meio Sol Amarelo. Aliás, precisa ser muito habilidosa com as palavras para descrever e traduzir questões sobre a masculinidade, trazendo outro modo de se entender o gênero a partir do homem. Em artigo bem apoiado em ideias construídas de forma sólida, Alyxandra nos mostra detalhes das entrelinhas deste agradável romance que tem a Guerra de Biafra como pano de fundo e cenário. Certamente o leitor não terá como parar de ler este artigo, ao que recomendamos dispor de uma garrafa de água e outra de café para que o tempo com intervalos não sejam desperdiçados!

Por fim, e bem ao fim, saindo do continente africano e já chegando ao Brasil, mais precisamente em terras baianas, o leitor poderá desfrutar das linhas tecidas e escritas por Cristiane Batista da Silva Santos. Apoiada em farta documentação e significativa revisão bibliográfica, esta autora, em seu artigo intitulado **“Africanas na Bahia: ressonâncias atlânticas em mobilidade social entre a história local e a global”** nos faz ver questões sobre a experiência de mulheres que transitam da experiência do cativo para a vida em liberdade. A partir da composição de documentos diversos, a exemplo de testamentos, com uma profícua bibliografia inspirada na Microhistória italiana, a autora nos mostra mulheres protagonistas, ativas, fazendo escolhas, recusando caminhos e optando por veredas nem sempre aceitas e bem vistas nos dias atuais, a exemplo do ato de dispor de escravos. O artigo indica detalhes das posses destas mulheres, e de como amealharam significativa quantia em tempos não

muito fáceis para se viver de forma digna e honesta. Eis um excelente artigo para finalizar este volume!

Por fim, com a sensação de querer mais, o leitor brindará conosco mais este volume que traz tão profícuos artigos. Que os tempos difíceis sejam varridos, e que retornem a felicidade e a alegria do sorriso e do bom viver! E que os Estudos Africanos, em bom termo com a História da África, sigam rendendo bons frutos nestas terras brasileiras, pois temos necessidade de saber e fome de entendimento, e nada melhor do que se fazer isto a partir da conjunção consubstanciada na relação entre o ensino e a pesquisa, a partir de uma universidade pública. Boa leitura!